

Semanario de caricaturas a cores,
critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º



Successor do jornal XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81

Papagaios preguiçosos



Tanto comem que dormem! Será doença do somno?...

PIYAS CORRIDAS

Julgavamos nós, ingenuos minusculos da imprensa, que a expansão de ideias por meio do jornal era uma coisa incompatível com a mordaza e, ao mesmo tempo, criamos que a liberdade de imprensa era uma verdadeira liberdade. Errámos.

Um jornal cahiu nas garras da policia que impediu quasi por completo a sua regular circulação. Atraz d'esse outros irão, talvez, e quem sabe se nós mesmos teremos suspensa sobre nossas cabeças a tremebunda espada do Damocles policial?!

O que se fez a essa folha, é d'uma injustiça flagrante, se bem que d'essa injustiça não participe a lei que regula a pobresa franciscana das lusas publicações.

No tempo do João Franco e quejandos homens de estado, bastas vezes nos vimos azues com a policia do lapis azul. Ocasões houve em que sentiamos estar as carnes nos bancos malditos da Boa-Hora. Mas lá tinhamos a voz do sr. Afonso Costa, prompta a defender-nos em todos os agudos transes que passámos, dizendo alto e bom som, que, se a alguém devia ser concedido o maximo das liberdades, esse alguém era a imprensa e só a imprensa!

Pois hoje, em plena época de luz e felicidade, manda o governo do sr. Afonso Costa apreghender uma gazeta que, depois de ser lida e relida, achamo a tão subversiva e tão nefasta como os candeeiros da rua Augusta! Será exotico mas é d'uma coherencia a toda a prova...

Desconheceria o sr. Afonso Costa o mandado de apreghensão? Não o supomos tão ingenuo. Todavia, se foi assim, porque não reune S. Ex.^a o conselho de ministros e não puxa as orelhas ao autor da brincadeira de mau gosto?

Embora tardia, seria uma justiça, tanto mais que a lei não auctorisa a apreghensão d'um jornal, assim, a trouxe-mouxe, como se apreghende umas tripas de alcool ou um bilhete da loteria hespanhola.

Segundo informações colhidas pelo sr. Hermano Neves na bocca do dr. Francisco Gentil, chegou-se a este apuro: *Nos hospitaes morre-se de frio.*

Em Portugal os corações são feitos de mel, toca-os a varinha magica das comoções e sensibilidades. D'ahi o tór nascido a Assistencia Publica e o tór-se inventado os hospitaes.

Mas já lá vae o tempo em que um triste mortal que porventura, aliás por desgraça, tivesse cahido nas garras d'uma doença, ia para o hospital socegado, certo de que ali o tratariam bem e de que não haveria perigo com as temperaturas.

Hoje não! Quem vae para um hospital mette uma lança em Africa, ou, por outra, crava uma bandeira no polo!

Esses desgraçados que se agitam dolorosamente pelas camas das enfermarias são tão heroes como o capitão Scott e o capitão Charcot! Julio Verne, se a morte o não ceifasse, escreveria uma d'aquellas suas viagens maravilhosas, cheias de heroismo e abnegação, e dar-lhe-hia por titulo:

Nos hospitaes de Lisboa a 40 grãos abaixo de zero.

Vós, cidadãos que por volta de junho e julho vendeis capilés gelados, nevadas e carapinhadas! Ide ao governo,

ponde os joelhos nas alcatifas e solicite-lhe carinhosamente umc antinho de hospital para conservação dos vossos productos!

Caçadores das esteppes siberianas, vinde a Portugal! Mettei-vos na enfermaria de Santa Barbara e tendes um doce de presente se conseguirdes resistir ás temperaturas hospitalares!

Millionarios de todas as partes do mundo!

Vós que amaes as sensações fortes e todos vos derreteis por baixas temperaturas, em vèz de embarcardes em poderosos transatlanticos, vinde ao hospital de S. José ou ao do Desterro, porque não tardarão em apparecer nas cisternas hospitalares os mais perigosos *ice-bergs!*

Taes são as incitações que dirigimos aos quatro ventos. Resta-nos uma coisa: é propormos á *Lisbon frozen meat Company* que não importe mais carne da Argentina! S. José, Santa Martha, Desterro e Estephania são, pelas modernas theorias, depositos de primeira ordem para carne congelada!...

O homensinho tirou em Coimbra o curso de bacharel. Depois montou banca em Lisboa e como possuia dois decilitros bem medidos de eloquencia, metteu-se a fazer discursos. La fallar nos comicios, davam-lhe vivas, muitos vivas e todas estas circunstancias contribuíram para elle chegar a deputado. Fêz boa figura, vamos lá com Deus... Mas a advocacia não era esquecida pela politica. Defendeu uns incendiarios, coisa essa que levantou celeuma nas fileiras republicanas, mas, como era no tempo da outra senhora, não houve novidade.

Veiu a Republica vieram os conspiradores e depois de algumas escaramuças começaram os julgamentos que corriam copiosamente.

O doutor Mario Monteiro e o doutor Cunha e Costa defenderam alguns conspiradores, como os auctorisava a sua profissão.

Pois o homensinho, indignado, levantou a sua voz no parlamento e verbeou o procedimento d'esses advogados.

Toda a energia da sua eloquencia se concentrou n'aquella furiosa catilinaria! Foi uma carga cerrada nos defensores dos conspiradores!

Hoje o homensinho está defendendo um cavalleiro taumachico, provado conspirador, e lá o vèmos a emparelhar com um dos taes que elle havia arrasado em S. Bento, por defenderem pavañtes!

Ah! barriga, barriga, a quanto obri-gas!...

O naturismo

Dizem certos doutor's que o naturismo consiste em comer fruta e erva crua tomar banhos de sol, d'ar e lua nusinho em pelo, oh! grande madurismo!

Aconselho o sistema ao madamismo, visto que anda em Lisboa pela rua muita mulher, ha muito, semi-nua e ser isso o requinte do chiquismo!

Aconselho aos egreijos tubarões que comam duas peras e feijões! é um alivio por a nação inteira:

e ao Zé que ha muito está a pão, laranja que ande du, e se tem medo á *extranja* conserve sempre a... faça n'algibeira!

Alemtejam.

Padua Correia

Desappareceu ha dias, n'um canto ignorado do hospital de Santa Martha, esta brilhante figura do jornalismo republicano. Não quiz a morte que possedesmos continuar a deliciar-nos com o muito que havia a esperar do seu pitante talento.

Padua Correia, antes da Republica, foi um audaz demolidor dos velhos processos. Depois de cinco de outubro foi um dos mais sensatos operarios do novo edificio de ideias. Tinha jus a um fim menos doloroso, todavia morreu para ali, ignorado, quasi sem amigos.

Os nossos pezones á sua familia.

Qual é mais de arrelhar?

A dór n'um dente furado,
Uma sogra impertinente,
Ou um senhorio malcreado...
Que entra aos coices á gente,
Quando não vê o dinheiro
P'lo aluguer do pardieiro?

Zé pequeno.



Milagroso Lambisgoia

Tenho uma amante a quem está inchando progressivamente a barriga. Que hei-de eu fazer no meio d'esta entalção?— Pederneira—Famalicao.

Como o caso é de... gravidade, o que tem a fazer é ir-se preparando para cuidar do pequerruchinho de que dentro em breve será... papá! Para se entretêr vá fazendo uns cueiros e umas fraldinhas!...

Sr. Luiz Ferreira.

A carne congelada é boa para os doentes?— José Silva.

Ella até faz ressuscitar os defuntos!...

Luiz Ferreira (Lambisgoia).

Uma mina

E que nos dizem á tranquiernia do Vintem Preventivo?

Aquillo é que foi enchêr o bahu á custa dos mais!...

Pobre Zé!...

Minha esposa é um cação,
Minha sogra, um atando,
O meu sogro, um beberão.
Tenho um filho relaxado!

Não obstante o sarilho
Na vida do pobre Zé;
O patife do meu filho
Trouxe p'ra casa um bebé!

Chiado Terrasse

Tivemos occasião de vêr um dos novos *programmas-annunciadores* d'este magnifico cinematographo.

A disposição dos annuncios, das gravuras e sobretudo, das cores torniam aquelle trabalho elegantissimo, pelo que felicitamos o seu proprietario sr. Alberto Castello Branco.

Deixem voar!

Volta á fallar-se dos aeroplanos que estão encaixotados.

Deixem lá os aparelhos socegados! Pois não voaram já bastante... as massas dos subscriptores?...

Os inglezes

Esta visita recorda-me aquella historia, muito velha, muito conhecida, do velho pescador sentado á beira de um rio, com a sua cana de pesca, pachorrento, isolado, depois de lançar á água uma bella, apetitosa isca.

E elle para ali está, esperando, olhando a agua turva, a rumorejar lá de quando em quando, signal de peixe proximo.

E o velho, n'um dado momento, n'um vislumbre de esperanza, sente uma alegria extraordinaria, e de um esticão, arranca da agua a cana da qual pende a linha, e á linha se encontra o anzol e no anzol nada!

Porque o peixe foi esperto, sentiu fatura, novidade, bem recebido e lá quando lhe pareceu pápa a isca e fez chi chi no anzol.

Os jornalistas inglezes estão bem n'esses casos. Muita festa para a festa, recebidos optimamente; a provincia espalhou rosas no caminho percorrido pela caravana, os canticos ao rei misturavam-se com as saudações ao velho Arriaga. Brindes, jantares, passeios, recepções, visita á Penitenciaria, muitos apontamentos, mas mesmo muitissimos apontamentos.

Portugal recebeu no seu bemdito solo os filhos d'aquelle paiz que em 1890 nos lisongeu com as suas amabilidades. Portugal quiz ser o mesmo gentil cavaleiro de eras passadas e até o sol cedeu para os esplendor das festas os seus melhores raios em deposito.

Mas como a nossa Patria tem merecido os maiores enxovalhos da imprensa, de toda a imprensa estrangeira, não é para pasmar que esses nossos grandes amigos e illustres visitantes... comam a isca e façam *chi chi* no anzol... da Propaganda de Portugal!

Concurso

Publicam-se tres respostas ao concurso «Qual é o melhor violoucellista?»

Desde o concerto do conservatorio que a minha admiração por João Passos passou a ser extraordinaria.



O crime do padre Luiz Lêna

Hoje, leitor amigo, apresento-vos o jesuita Luiz Lêna, que vós muito bem conheceis.

O *Mundo* de 26 de fevereiro de 1912 publicou uma carta, accusando o jesuita Luiz Lêna de praticar um acto de honradez; eil a:

«Sr. director de O Mundo:

No jornal que v. proficientemente dirige, vem inserta, no numero de hoje, sob as epigraphes acima, uma local cheia de inexactidões, em que se deprime a memoria de um morto e se ultraja a dignidade de um vivo.

Foi a redacção do seu apreciado jornal enganada por quem ministrou as informações para a afudida local. Eu no entanto não posso, desde já esclarecer toda a verdade dos factos, por isso que tendo requerido a intervenção da justiça n'este caso, viria por ventura prejudicar a acção d'esta nas investigações a que se está procedendo. Comtudo, na minha qualidade de procurador do sr. Victor de Souza e da sua mãe, julgo que impenda sobre mim a obrigação de vir re-

El' um artista. Voto n'elle. Em segundo, Guilez

Pombo D'Oiro.

Voto no J. H. dos Santos. Ai que linda figura elle vae fazer na orchestra sem... fonica!

O meu voto é para Guilez.

Laurinda.

Um almoço

Motivo para uma reunião de amigos, trocas de palavras e estreitamente de uma amizade franca.

Costa & Carvalho são os proprietarios do pequenino e popular salão do Loreto e possuidores de uma gentileza extremamente obsequiosa para com aquelles que têm a honra de os contar como amigos.

Foi assim que elles, amabilissimos, promoveram uma festa encantadora ofrecida a alguns empregados da Companhia Cinematographica de Portugal, recitando também um soneto humorístico de homenagem a Carlos Carvalho, que agradeceu n'um breve discurso.

Um verdadeiro festivo, com muita alegria e muito appetite... Ao Champagne brindou Silva Parrácho em nome dos empregados superiores da Companhia Cinematographica de Portugal, recitando também um soneto humorístico de homenagem a Carlos Carvalho, que agradeceu n'um breve discurso.

Ao almoço assistiram Humberto Moutinho, Ribeiro de Almeida, Armenio Cruz, Manuel Albuquerque e Silva Parrácho, além dos promotores da festa intima e J. Carvalho irmão do Sr. Carlos Carvalho.

No fim do almoço que terminou ás 14, tendo começado ás 11, dirigiram-se todos os convidados, em automovel para o Salão do Loreto onde uma extraordinaria multidão se acotovelava á entrada para assistir á brilhante manitêe que aquelle salão proporciona todos os domingos ás creanças da capital.

Vinício.

pelir já as insinuações que aquelle cavalheiro são feitas, tanto mais quanto é certo que o meu constituinte se encontra agora ausente em Santar e retido no leito por doença. Brevemente tudo se esclarecerá, por que tudo hade vir a publico, devidamente pormenorizado e detalhado. Por hoje limitar-me-hei a relatar o seguinte, que é **rigorosamente** verdadeiro, em contraposição ás inexactidões mais flagrantes da local a que acima me refiro. Em 31 de janeiro ultimo, o padre Affonso Alves de Souza morria no hospital de S. José, para onde havia entrado na vespera, deixando valores e dinheiro (aquelles ao portador) arrecadados n'um cofre no Monte-pio Geral, onde uma das senhoras referidas na local, com quem de ha muito vivia, guardava também os seus haveres. Esta senhora e o padre tinham cada um a sua chave. Momentos depois do fallecimento do Affonso, apresentou-se na casa d'este um padre italiano, **morador no quarto andar do mesmo prédio**, com o pretexto de comunicar aquella senhora o triste acontecimento e de lhe offerrecer os seus serviços.

O que entre os dois se passou, não sei eu. O que sei é que momentos depois de uma conversa mais ou menos longa entre o italiano e a senhora em questão, era por aquelle aberta a gavêta de uma commoda de que **exclusivamente** se servia o fallecido Affonso, cujas chaves estavam e **ainda hoje estão no hospital de S. José**, mas que o italiano, como homem de facéis expedientes que parece ser, **promptamente substituiu por outras, que para esse fim fora buscar a sua casa!**

O que sei é que, os demais moveis e g'avetas do fallecido foram também mexidas e remexidas pelo mesmo italiano, a quem a tal senhora D. Julia Penaguão, no dia seguinte, entregava a chave do cofre e uma auctorisação escripta para que lhe fosse facultada a sua abertura, como se tudo aquillo fosse d'ella! O que sei ainda é que depois de ter ido ao cofre, o italiano entrou na casa do Affonso com um rolo de papeis, e, depois de ter tido uma conferência, a sós, com D. Julia, **foi á costinha** e, apresentando á creada **muitos fragmentos** de papeis, disse-lhe: **Aqui está o que o padre Affonso tinha no cofre; toma lá para accenderes o lume!** O que sei é que o italiano, depois d'isto, ia quasi diariamente ao Montepio, visitar o cofre, ignorando-se por emquanto o motivo de tão frequentes visitas.

O que sei é que chegado a Lisboa o meu constituinte, lhe foi dito por D. Julia que seu irmão nenhuns valores deixára, reclamando elle então, em nome da herdeira sua mãe, o espolio de seu irmão.

Depois de muitas negativas por parte de D. Julia, esta vendo a attitude do meu constituinte, aconselhou este a que fosse entender-se com o italiano, pois que era elle que tudo resolveria!

O que sei é que, no dia immediato, receberia o sr. Victor de Souza 25 obrigações das aguas (coupon), dizendo-se-lhe que eram aquelles os unicos valores deixados pelo Affonso. O que sei é que dias depois, como o meu constituinte ameaçasse levar o escuro caso para a policia, o italiano lhe fora offerrecer mais 12 obrigações, **contanto que se não fallasse mais no assumpto!**

O que sei é que 10 dias depois de se acercar de D. Julia e de se tornar seu conselheiro, seu administrador e não sei que mais, o padre Luiz Lêna, pois que é este o nome por que dá o italiano, obtinha da mesma D. Julia um testamento! O que sei... Mas não posso, por emquanto, dizer mais nada.

O resto virá brevemente e então se verá a audácia com que a seita negra, de batina e sem batina, trabalha, não já na sombra mas ás claras.

Não prejudiquemos a acção da justiça, que tem de apurar não só as responsabilidades do italiano como as de alguém.

Agradecendo-lhe, sr. director, a insertão d'estas linhas, sou, de v. etc.—O procurador—**José Rebello de Pinto Ferreira.**

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1912.

Aprecia, leitor amigo, este crime praticado pelo jesuita Luiz Lêna.

A minha *santa* tia queria que eu me collocasse a favor do jesuita como testemunha falsa.

Chacon Siciliani.

Que medo!

Com que então ha conspiradores na fronteira?

D'esta nem o diabo se lembrava!...



Acabar a rivalidade entre suas cunhadas nossas amigas por causa do Adamastor.

—Saber-se o que fazia o Capadinho n'uma venda na Rua Miguel Bombarda.

—O cu de rolha de safiar o padrinho da menina Elisia.

—O omem do pão ter sido o portador das missivas.

—Certa dama casada pensar em suicidar-se.

Saca de pei... petardos dizer qual o fim das agulhas do Dias.

—A gata sabia andar oferecendo farinha de porta em porta.

—A menina modelo diser ás meninas aonde se vende a melhor farinha.

—Ter acabado a Firma Bexiga & Companhia.

—O Florencinho vnda á rasca por causa das armazões.

—O Bispo de Beja alugar a janela do Club.

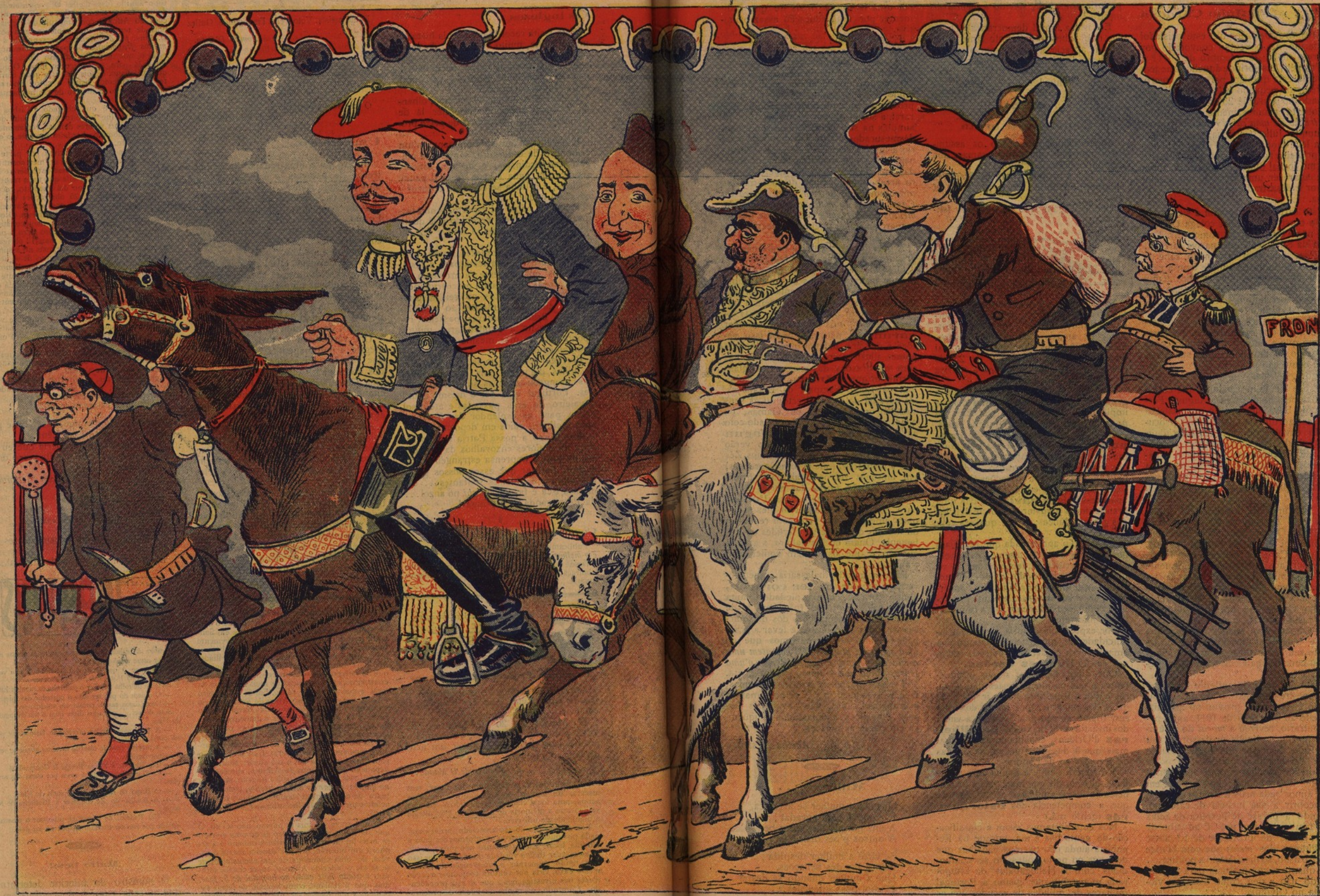
—A familia do Zé conhecer a Brasileira de Messênes?

—Um Padréca de Messênes processar o pessoal da estação por não ter tirado o chapéu ao pai dele.

Muito bem!

O ministro do interior determinou que os seus empregados entrassem ás onze.

Ahi, valente!



Digam lá se é caso para os carbonarios se assustarem!...



Julio Cardona

O motivo forte por que este artista foi preferido no concurso convocado por decreto de 12 de Setembro de 1911?

Prometti esse brinde áquelles que tem seguido esta questão, para este numero. Porém, um pequeno *balão de ensaio* publicado no *Povo* de 23 do mez passado, encoberto manhosamente com o titulo de *trecho de uma carta recebida* sobre o assumpto Julio Cardona, obriga-me a uma leve modificação no caso, resolvendo primeiro aguardar outro numero do mesmo jornal onde, *infalivelmente*, tinha que apparecer uma carta do infeliz professor e desastrado autor de Julio Cardona.

Essa carta surgiu, e com a sua publicação mostrou o illustre colega *O Povo* que não é tão imparcial como o Sr. Ferreira da Silva o alcunha na sua carta. . . *O Povo* está bem informado, sabe da questão a fundo e conhece bem a protecção escandalosa que a politica democratica dispensou, n'este caso ao seu historico correligionario! Mas. . .

O meu ultimo artigo foi claro, demonstrou a justiça que n'este caso pertence a um dos concorrentes, e o favoritismo que a outro foi oferecido como satisfação, como bodo, pela sua *arraigada* convicção politica.

Agora, a carta.

O pae de Julio Cardona, que costuma dar pelo nome de José Augusto Ferreira da Silva mostrou no seu pastelão uma extraordinaria falta de tino, procurando envolver o caso Cardona n'um emaranhado labyrintho de datas, de factos, de competencias, de ensinios, e nada mais fez senão demonstrar que a sua habilidade *d'esta vez*, não conseguiu encobrir a habilidade. . . politica de seu filho!

O concurso de 1.^a classe foi convocado pelo decreto de 12 de Setembro de 1911. O concurso para professor, auxiliar foi em 7 de Janeiro de 1901. Se Julio Cardona mereceu este logar, professor auxiliar, provou unicamente que no tempo da monarchia as coisas corriam como elle desejava e não como seria para desejar, em face da moral. . .

Julio Cardona é um bom violinista, não resta duvida, mas estou em crer que Cagiani *teve melhor mestre* e que n'esse tempo foi uma victima. . . ao lado do seu competidor, como agora succedeu com Cunha e Silva, em plena Republica!

Assim, a carta do antigo e incompetente mestre da Philharmonica de S. Thiago do Cacem nada provou no que diz, respeito ao concurso de 1911, antes pelo contrario, reviveu a *moral* do assumpto, porque o infeliz professor de seu filho sabe bem por que motivo Duarte Leite não decidiu o caso. . .

Professor auxiliar durante doze annos o que mostra? Que Julio Cardona em doze annos nada mais fez senão *auxiliar*, e encobrir a sua ineptia de cabotino, segundo a phrase de Ferreira da Silva que tambem é seu pae! E ao cabo de doze annos de professor de 1.^a classe servindo-se dos *meios* que com Hintze Ribeiro usou, só lhe valendo a politica. . . por quanto a competencia para professorado não a deu, como disse um violinista no Olympia:

— «E' um artista sublime, não ha du-

vida, mas não mostrou que é bom professor!»

Por que foi professor auxiliar em 12 annos pode preterir um concorrente classificado como elle, e tendo, a mais, todos os documentos que elle nunca poderia conseguir, devido á *ineptia* do mestre?

E é isto a moral democratica? *O Povo*, que sabe do assumpto tanto como eu que aprecie, a não ser que o assiduo frequentador da succursal do *Seculo* continue a convencel-o!

E eu continuo!

André Deed

Trabalhar á bruta

Querem saber quaes são os assumptos importantissimos que a camara dos deputados tem discutido?

São: 1.^o a proposta para os oradores fallarem da tribuna; 2.^o o projecto da caça.

Depois digam que não somos felizes!..



Se bem que sejamos contrario a tratar a serio assumptos politicos, em jornaes humoristicos, cuja missão é azoragar os cynicos e disopilar os figados. Vamos ocupar-nos d'um caso mutio mal interpretado por um jornal de 28 do passado mez de fevereiro, sob a rubrica de «Marca da Casa».

Diz o Sr. Moreira d'Almeida, que a gente que veio ao *de cima* com a implantação do Republica, (*S. Ex.^a foi para de baixo*?) é essencialmente *má*.

Os dirigentes *estupidos e crapulosa* monarchia, diz sua Ex.^a eram muito boas pessoas embora não fossem uns modelos d'administração e de boa politica, mas tinham corações de pomba. E mesmo que entre tantas pombas apparecesse algum *gavião*, havia uma grande força a sustar-lhes os maleficios das garras aduncas; sabem qual era essa força?

A educação aprimorada que recebiam nos collegios dos Jesuitas, que os habilitavam a sorridentes, lamentaram as victimas dos seus hediondos crimes, convencendo as de que em nada tinham concorrido para a sua desgraça e ainda prometendo-lhe o seu valimento, para minorar-lhes o infortunio.

Por experiencia propria tivemos a infelicidade de tomar conhecimento dos amantissimos corações e celestes virtudes de tão *ilustres varões*.

Que, alem de maus somos incompetentes e que da junção destes dois factores é que a Republica hade ir parar ás mãos dos onagros, que, diante dos altáres, rogam ao ceu pela fochinho, a vinda dos invertidos de Beja e das *pratilheiras* d'Orleans, canalha porca e imoral mais que a das mais gehenicas alfurjas de Napoles ou de Londres

Tambem lhe foge a lingua para a verdade, quando diz que mais vale a incompetencia dos republicanos (gente boa) do que a competencia dos *Esterqueiras* (gente má.)

Nós interpretamos assim a classificação de gente boa e má, porque na Republica ainda não tivemos canalhas que de longe ou perto podessem ser confundidos com os Heliogabalos da estuporadada monarchia que custou a Portugal milhares de milhões de escudos que as contas de *saco* reputavam legaes, não

contando com as centenas de milhares de milhões roubados e que a brandura dos nossos costumes alcunhou de adiantamentos.

Que a gente portuguesa é boa, mas facilmente sugestionavel e está indefeza por uma instrução mais de que rudimentar por uma educação assaz primitiva.

E' isso, é isso!

São tão bons que deixaram fugir a melhor caça nem sequer se lembraram que quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe vai daixar o ultimo alento, alem de que tendo sido educado no meio de ladrões e prostitutas, que do mais elevado da hierarchia social davam exemplos que os simples na sua ignorancia olhavam com desmesurados hiatos não tomavam a serio a lubrica exposição de orgias Sardapalescas que diariamente eram exhibidas nos diversos palacios que o dinheiro arrebatinhado tinha posto fóros das mil e uma noites. *Tem essa marca da Casa. Vinda de cima, contaminado elementos que seriam se não tivesse havido monarchia, inteiramente insusctiveis de tal contagiosa corrupção.*

A obra d'esta republica podia não ter grandeza; mas deveria ter bondade.

Ora pois, seja tido pelo amor de deus, deixem os republicanos os cofres publicos á disposição da crapula invertida, dos dois sexos, não os obriguem a trabalhar, deixem que tão illustres *varelas*, perdão, nós queriamos escrever *varuncas*, não, não, não é isso, varões é que era, deixem que os filhos de nomes illustres cocem bem as esquinas com os braços das suas genealogias; permitam que os *Incas*, os Fradiabulos, os Luigi Vampas, os Braganças, (já não há do ramo directo) ou os seus sucedaneos, Orleans, os Gamas, ou quaesquer outros que tenham dado com as *propias pessoas n'agua* (não sei se percebem) e então verão como os *Bananas* os Antonios Zés e as *Lesmas*, (que já foram caracões) em unisonos zurras abalarão o firmamento, até de *traz* das portas do infinito, que é onde está o deus *d'elles*, para que se digne conservar-lhes a opi-para amesendação, seja com republica ou mesmo que governe Herodes ou Lobengula, Onam ou Messalinra, a grande questão é que os deixem comer sem trabalhar.

Para a gafada thalassaria, saber governar, consiste em *ter coração*, muito coração, muita piedade, muita abnegação, muita fé (não será fé de mais?) nas boas intenções dos marmaros de todas as coteries, e levar a grandeza d'alma até permitirmos que de *uma maneira muito suave nos atem uma corda ao pescoço e nos pendurem n'uma trave*, como diz o nosso grande poeta.

Tenham paciencia queridos meninos, façam a deligencia por se costumarem a trabalhar, aliás, não cavar pés dos seus dinasticos antepassados e fiquem-se em paz e ás moscas.

Abelha Mestre.

Mulherio. . .

Quando a mulher se arrebica, E' sempre para agradar; A uns porque lhes quer bem. A outros p'ros disfructar

Se vires a mulher despida Nunca lhe dês belisções, Que a mulher quando se despe E' com boas intenções. . .

Sé pequeno.

O ZÉ No Theatre

NON INTERVALLO:



IV

A «Marcha nupcial» é um valioso trabalho de psychologia feminina. Encontram-se na vida duas almas que se casam perfeitamente: a de um artista superior e a de uma antiga conventual, alma toda cheia de misticismo. Amam-se e ella rompe com todas as convenções, com a propria familia, para ir viver com o eleito do seu coração. Porém não se sente dominada pela soberania indiscutível que esperava encontrar-n'elle e então o seu coração fraqueja, hesita. Apparece o seductor forte, positivamente o homem da occasião. A principio resiste-lhe, mas elle insiste. Quasi insensivelmente vae cedendo a pouco e pouco, e uma grande crise de consciencia começa de se manifestar, tanto mais natural quanto é certo que elle é o marido da sua maior amiga, da sua actual protectora e antiga companheira de infancia. Mas que fazer? Para obedecer aos impulsos do seu coração destruirá duas vidas: a do amante e a de sua amiga. A salvação está na bala de uma Browning e é a ella que se pede o socorro.

É ao mesmo tempo uma bella obra literaria e uma esplendida peça theatral. Como tal foi escripta com grande sinceridade; não se explora uma situação, não se tira effeito de uma phrase. Tudo aquillo deorre muito naturalmente, sem «theatralidade» alguma. Assim resulta ser a «Marcha nupcial» uma peça de muito difficil interpretação, para que a sua representação seja boa é necessario distribuir os papéis a artistas de valor e que tenham uma preparação especial. Se actores de Guignol fossem represental-a resultaria uma borraqueira, sem a minima duvida. A peça agradeu-nos completamente mas a mesma impressão de agradabilidade nos não ficou da sua representação. Tratando de esta cabe o primeiro logar, o logar de honra, a Palmira Torres que deu a Graça Flesione todo o relevo que só é compativel com uma grande artista. Ha muito que o'havamos para esta actriz venho n'ella uma das nossas primeiras figuras femininas e estamos certo que se continuar a estudar n'um período mais ou menos longo virá a occupar o primeiro logar da scena portugueza. Nem todas as suas facultades de verdadeira artista estão em pleno desenvolvimento.

Ella que desabrochem completamente e que sejam convenientemente educadas, e Palmira Torres será a nossa primeira actriz. Entre outros de muito e muito valor destaca-se pela sua sublimidade, pela sua grandiosidade, a scena do 2.º acto com Rogerio Lechatelier em que Palmira Torres se elevou ás altas culminancias da nobre arte que abraçou. Não foi feliz com a interpretação dada á sua personagem Carlos Santos. Morillot é um fino artista e como tal elle nunca teria uma expressão aparvalhada nem se comportaria em sociedade como um collegial em ferias que costumada a gozar na provincia com a familia se visse de repente n'uma casa da alta roda. A sua visita a casa de Susanna Lechatelier desagradou-nos por completo. Foi tudo menos um artista consumado. Nem a expressão phisonomica, nem os seus gestos, o seu modo de estar, denotou que estamos na presença de um genio. De accordo que Morillot devia estar um pouco inde-

ciso, pouco á vontade n'aquelle meio, mas nunca ficaria aparvalhado.

Destacou-se tambem Joaquim Costa. Os grandes artistas, revelam-se nos pequenos papéis. É uma grande verdade que mais uma vez houve occasião de reconhecer. O seu papel é dos mais secundarios mas Joaquim Costa soube interpretá-lo por forma a fazê-lo notado por todos e conseguiu-o completamente. As nossas felicitações. Antonio Pinheiro esforçou-se mas tem a lutar com a voz que por vezes o trahê absolutamente. Lucinda do Carmo como sempre manifestou-se uma preciosa diuessa e conseguiu tambem sobresahir. Quanto aos restantes artistas todos elles tentaram equilibrar-se tanto quanto lhe permitiam as suas qualidades.

Sem duvida a «Marcha nupcial» fará successo mas sentir-se-ha do espirito cretino do nosso publico. É peça que requer um publico educado, um publico com facultades que o nosso não tem. Em todo o caso todos aquelles que vão ao theatre para pensar, que não pretendem apenas divertir-se, não deixarão de assistir á sua representação e isso será sufficiente para lhe dar vida por bastante tempo, pois que se estes não constituem a grande massa são porem em grande numero.

Bem fez o conselho gerente em montar esta peça pois que assim tornou conhecido em Portugal um popular escriptor francez e deu occasião a que uma das suas artistas se impozesse ao publico como uma das nossas primeiras actrices.

E. Z.



A companhia de operetta Marchiotti-Garnieri que no Colyseu dos Recreios está dando uma serie de 15 espectaculos tem sido muito aplaudida e festejada agradando completamente a forma luxuosa como são postas em scena todas as peças e o magifico desempenho de todas ellas. Tambem a companhia de Rosario Pino que está dando 6 recitas no Republica captou a simpatia do publico sendo a grande actriz hespanhola ovacionada com calor todas as noites. O conjunto, ao contrario do que em vulgar succede, é de primeira ordem. No Nacional continua em scena a «Marcha nupcial» a feliz peça de Bataille que a gerencia muito acertadamente poz em scena e que deu occasião a Palmira Torres patentear o seu grande talento de artista; no Apollo continua o «Sonho dourado» tendo agradado o vaudeville «Os velhos gaiteiros» que em festa artistica subiu em premiere no dia 4. A revista «A'lerta» em que toma parte a querida actriz Angela Pinto continua em pleno successo no Avenida e no do Povo as revistas «Ahi! pá», «Sempre fresquinho» e «Branco e negro» dão boas casas todas as noites. A traducção da peça allemã «Principe herdeiro» é primorosa, o desempenho optimo e a mise-en-scène de muito effeito d'onde resulta fazer successo esta peça no Gymnasio.

A «Dama roxa» é a peça que o Trindade está explorando sendo a montagem de immenso luxo, como de costume n'este theatre. No Salão dos Anjos vão as operettas «Os 4 ratos» e «Filha do sapateiro» e no Infantil a revista «Piadas e beicões».

ANIMATOGRAPHOS

As sessões da moda do Chiado Terrasse continuam sendo muito animadas assim como as sessões de concerto do Trindade e do Olympia em que se exgotam os bilhetes.

No Loreto continuam fitas falladas de grande metragem e a assistencia do Central continua sendo grande tendo esta casa um primoroso sextetto. No Salão Foz fazem successo os artistas Main-Celly que tem recebido ovações estrondosas. Sabemos haver enorme entusiasmo para a sessão-concerto de amanhã no Trindade em que se fará ouvir a distinta cantora D. Emiliana Salgado e artistas musicas de grande reputação.

Concertos no Domingo

Inaugurou-se no domingo os concertos sinfonicos no Salão da Trindade por uma orchestra de 30 arcos que tem como solistas Benetó, Vercunysse, Boret e outros artistas de igual merito. A sua direcção está entregue ao conceituado professor Henrique dos Santos, 1.º flautista de S. Carlos, sendo o programma muito atrahente e os preços baratissimos.

No Republica realisa-se mais um concerto da orchestra Blanch cujo successo nunca é de mais fazer notar. No domingo far-se-ha segunda audição da scintillante rapsodia popular que ha pouco aquella orchestra estreiou e igualmente se tocarão trechos de Beethoven, Wagner, Breton, etc. Dia a dia mais se firmam os creditos de esta orchestra que vem preenchendo uma grande lacuna existente no nosso acanhado meio artistico.



(Serviço especial dos nossos correspondentes)

BERNE 4 — O povo suizo está satisfeittissimo com Guerra Junqueiro. Este, alem de muito amavel, é tido como um cidadão illustrado e de muito valor intellectual. Os suizos desejam que elle se conserve cá por muitos annos e bons, na companhia de toda a sua familia. Z.

CONSTANTINOPLA 5 — Os turcos afirmam que quando se não poderem defendêr a tiro e á espadeirada se hão-de defendêr ao pontapé e á dentada! Z.

Colyseu dos Recreios

Estreiou-se na quinta feira passada n'esta elegante casa de espectaculos a companhia de opereta italiana.

Como era de esperar, agradou plenamente, tendo sido muito applaudidos todos os artistas.

Na terça-feira dêu-uos a «reprise» da opereta de Emrick Kalman, Manobras de Outomno.

A interpretação foi correcta, destacando-se as srs.^{as} Graniere, no papel de baroneza Riser, e Fernanda Razzoli, esbelta na «travesti» do Cadete Marosi, bem como o tenor Amodeo Graniere, o baixo Razzoli e o comico Marchetti.

DR. MAX STREINBERG

A MEDICINA PARA TODOS A Medicina Pratica A Medicina Caseira

É um livro que todos devem possuir, correspondendo a um medico em casa, uma obra em que se encontra a formula mais pratica de curar a maioria das doenças e remedios a applicar. Tem sido traduzido em varias linguas e ainda ha pouco produziu um ruidoso successo na Allemannha.

Um volume de 200 paginas de grande formato, profusamente illustrado, contendo as receitas pela ordem alphabetica

300 REIS

A' venda nas livrarias e na

Empreza de Publicações Populares

19, Largo do Intendente, 19 — LISBOA

Acceptam-se agentes nas localidades em que os não haja, dando referencias

O ZÉ

N'esta redacção compram-se os numeros 3 e 24.

Aguenta imprensa!...



**Eh! Estadistas d'uma figa! Vocês não vêem que, com esses apertões estragam também o arranjinho á Repn-
blica?!**